

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: 09

Data: 04/12/77 Pg.: _____

Especulação ameaça área dos tupiniquins

Do correspondente em
VITÓRIA

Uma pequena área localizada na margem direita do rio Piraquê-Açu, onde habitualmente os 70 remanescentes dos tupiniquins que moram em Caieiras Velhas, 80 quilômetros ao norte de Vitória, plantam milho, mandioca e feijão para sua sobrevivência, está sendo gradativamente comprada por especuladores dessa região altamente valorizada pela presença da multinacional Aracruz Celulose, que em março começará a operar sua fábrica depois de reunir, em seu canteiro de obras, pelo menos dez mil peões. Segundo Alexandre Sizenada, capitão desse grupo indígena que teve sua identidade oficialmente reconhecida há dois anos pela Funai, após terem sido considerados extintos, a terra está sendo loteada e revendida aos "peões" pelos especuladores, os quais conseguem convencer os índios. Estes, por plantarem no local, julgam-se seus proprietários, embora formalmente as terras pertençam ao patrimônio da Funai.

Dizendo-se impotente diante do processo de especulação imobiliária que atinge a região, Alexandre pretende que o presidente da Funai, general Ismarth

Araújo, tome as providências destinadas a preservar a área.

Na região atualmente ocupada pelos eucaliptos da Aracruz Celulose moravam pelo menos 540 índios identificados há dois anos pela Funai, após uma visita do general Ismarth de Araújo, para tomar conhecimento das questões de terras entre os índios e a multinacional.

Na ocasião, o então governador Arthur Carlos Gerhardt dos Santos (que ao deixar o cargo se tornou diretor da Aracruz Celulose e posteriormente presidente da Companhia Siderúrgica de Tubarão), alegando ser constituído por terras devolutas, disse que havia cedido o território indígena à multinacional. Como a Funai depois não tomou nenhuma providência (embora existisse um projeto para transferi-los para a reserva biológica de Camboios, ao norte do Estado), esses índios aculturados se dispersaram. Os 70 que permaneceram no local dependem basicamente da agricultura desenvolvida na área reservada à margem do Piraquê-Açu, assim como da pesca do caranguejo e extração de ostras, vendidos aos atravessadores que abastecem a vila de operários especializados construída pela Aracruz Celulose a menos de um quilômetro de Caieiras Velhas.